35-

CONSCIENCIA.

CARTA

Aos Ill.mos e Ex.mos Sr.s

RAMALHO ORTIGÃO E EÇA DE QUEIROZ

Redactores das FARPAS

POR

SAMUEL

LISBOA
TYPOGRAPHIA DO FUTURO
Rua de S. Boaventura, 57
1871

CONSCIENCIA.

CARTA

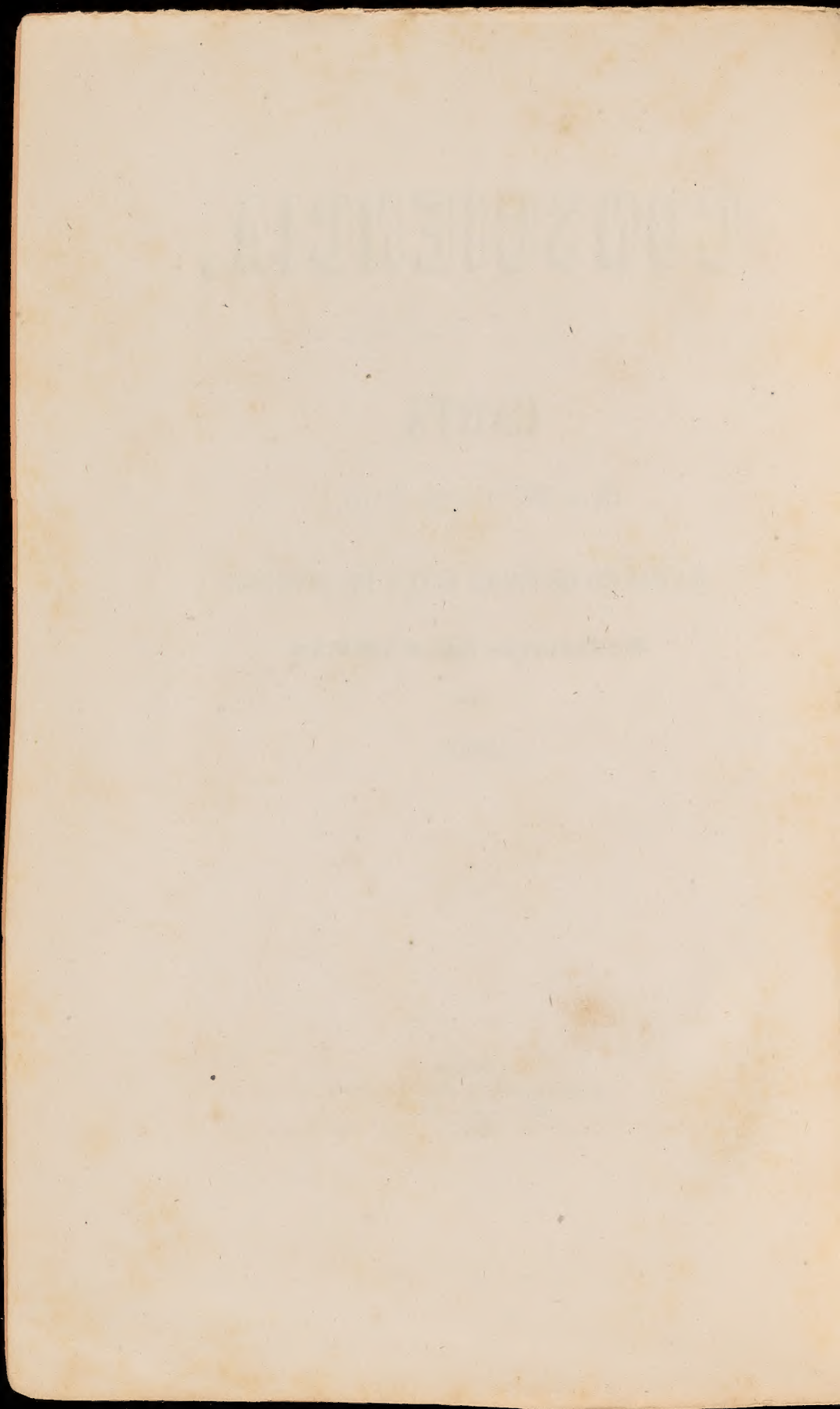
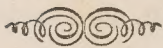
Aos Ill.mos e Ex.mos Sr.s

RAMALHO ORTIGÃO E EÇA DE QUEIROZ

Redactores das FARPAS

POR

SAMUEL

LISBOA
TYPOGRAPHIA DO FUTURO
Rua de S. Boaventura, 57
1871

CONSCIENCIA

Demonio amigo!

Deixa-me tratar-te assim. O anonymo fallará ao anonymo. E tu o és d'esses dois nomes que tomam na dedicatoria a dianteira d'estas paginas. (*)

Venho triste. Venho irado.

Venho triste porque tenho de accusar-te por ingrato. Venho irado porque preciso de vingar-me.

O corpo de delicto da tua ingratidão é este, a paginas 90 do teu segundo livro.

Diz assim:

« Temos um dever que cumprir antes de terminar este vo-
« lume: o de agradecer á imprensa de Lisboa e das provin-
« cias a menção que fez da apparição das *Farpas* e as palavras
« benevolas consagradas por ella a estes livrinhos e aos seus
« auctores.

(*) Referencia á figura da capa das Farpas, a quem foi dirigida a primeira carta de Samuel.

« Ácerca da indole e da intenção d'este periodico chegam-
« nos de leitores inesperados e de amigos desconhecidos ani-
« mações e louvores, que pedimos licença para contrabalançar
« com as resistencias, com as malquerenças e com os odios que
« por outro lado suscitámos em adversarios tão respeitaveis
« como anonymos. Consideramo-nos por tanto devidamente
« compensados e perfeitamente quites. »

Não, amigo. Não, em nome da consciencia!

Samuel não era a resistencia, não era a malquerença, não era o odio tambem. Ao contrario. Era uma coisa muito mais simples do que todas essas, era a verdade. E senão era a verdade, era pelo menos: a consciencia.

Venho triste. Venho irado. Ambas as coisas porque te amo!

*

*   *

Bem.

Serenemos e conversemos. Ouve-me com ternura.

Anonymo era, não ha duvida. Anonymo sou. Mas se havia, se houve no mundo alguma vez anonymo generoso, esse era, esse sou eu. Por ti e por mim é que eu fui, e sou, ainda anonymo.

Era um pobre velho que te escrevia, amigo, um velho que fôra já dilecto dos vossos paes, *vossos* porque tu és, como sabes, uma negação arithmetica, tu és dois: tens dois cerebros, duas almas, duas vontades, e n'isso é que tambem a mim me pareceu rastrear a origem de teres ás vezes duas ideias, dois pensamentos, duas decisões, nem sempre mui concordes, mui irmãs, mui congeneres.

Um velho, sabes, amigo? Um homem que passou. E como é que assignam os homens que passam?

Por isso puz Samuel. Fôra o nome de um meu amigo querido. É o nome que eu visto quando fallo aos que o são como elle o foi. Sim. Pois pensaste que era um vocativo banal o de *amigo querido* com que na minha carta te tratei?

E depois Samuel era ao menos um pseudonymo. E eu sou uma sombra, e as sombras não têem nome. Os meus appelidos ser-te-hiam já mais desconhecidos do que um nome que é d'outros. Fôra como se um cadaver insepulto e errante, mas com o sentimento redivivo da urbanidade, quizesse fallar uns ouvidos gentís do mundo de que elle já não era, e pozesse para isso uma mascara de seda. Fôra uma attenção, fôra um primor; hei-de dizer-t'o, ingrato, fôra mesmo um carinho. Sabes porquê?

Olha, ninguem se ria com o teu primeiro livro, andavam a dizer que não tinhas graça nenhuma. Crê que te não mente o velho. E vae eu que fiz? Farpeei-te tambem a meu modo, e como eu sabia. Que tu depois na réplica davas graça ás pilhas, era a minha ideia; e eu então riria tambem a valer de tu me estares a fustigar as cans sem o saberes, riria ás cocegas do teu azorrague, a que depois ainda assim não dariam descanço as muletas do bom velhote. Ahi tens. Era isso. Era isso, mas entendamo-nos, meu rapaz, respeitemos estas brancas, não era porque eu não estivesse persuadido de tudo que te objectei. Ah, isso lá estava, e estou. Crê que se alguma vez exagerei o meu sentimento, foi quando te fiz as meiguices. Quando eu elogiava a tua graça, é porque t'a conhecia de fóra do teu livro, e queria fazer de ti mais brincão e menos philosopho. Piquei-te, estimulei-te, fiz mesmo esforços com estas minhas trôpegas mãos de velho por te aperrear a torquez, mas tudo isso por te fazer um serviço, por te expremer da tua palavra e da tua analyse o sôro de bons risos, que eu já tinha

istvo scintillarem nos teus labios. Serviço de amigo intimo.

Deixa que nas provincias se riam do paradoxo. Tu não pódes rir-te. Pois será porventura falso que n'esta terra, sem mocidade e sem nada, quando um homem tem o teu valor, seja preciso que um amigo que o estremeça se encarregue de o arreliar, e deveras, e muito em publico, para que elle mostre bem então nas soberbias da lucta a falsidade dos inimigos que o trucidam por casas particulares com epigrammas que felizmente nascem e morrem com a natureza das casas?

Pagaste mal ao velho, amigo. E como para um velho as tuas phrases vagas são as peiores, venho de novo, e por ultimo, provar-te que a minha critica não representava a *resistencia*, nem a *malquerença*, nem o *odio*. Santo Deus!

Foste um ingrato, foste; mas vaes pagar-m'as.

Pois não é ingratidão, e grande? Estar eu muito contente a esfregar as mãos á espera da tua réplica, para sahir para a rua muito lampeiro, a punir por ti, n'uns grupos que me tinham azoinado, e fazeres-me tu assim! Eu a adivinhar que o teu segundo livro havia de vir como veio, e a formar tenção de dizer-lhes: « Então, e agora? Vá, senhores criticos, desembuchem, andem, fallem, digam para ahi o que sabem, destapem as valvulas á chalaça, ponham para cá os epigrammas da semana passada! Então, não dizem nada? Queremos saber agora se aquillo tambem são *artigos de fundo*, *maximas de Pascal*, como os senhores diziam. Entretenham o velho que é obrigação dos moços. » E elles, uns embatucados, e outros, sinceros, convencidos, a consolarem-me retrucando-me: « Ah, agora sim, sr. Samuel. Aquillo agora é graça a valer, e sem revesilhos. Já lá não vem nome que não traga um riso pegado ao calcanhar, e nomes dos bons. E mais do que isso, sabe-nos agora aquella verdade de analyse nos costumes condi-

mentada e apurada com saes tão bem refinados. Sim, senhor, dá gosto. »

O pobre velho a pensar n'isto, a regalar-se com isto, e vae, tu o que fazes? Não lhe respondes nada a elle, não lhe dizes nada, não lhe dás o minimo cavaco, chamas-lhe zombeteiramente *adversario tão respeitavel* como *anonymo*, sem quereres saber de que a um velho que foi gentil nos seus tempos é tão illicito andar pelo mundo a fazer parada do seu nome como da perna do seu rheumatico; atiras-lhe á sua critica: com estes nomes de: *resistencia malquerença*, e *odio;* pões-te a discutir com um que te disse lá umas coisas; embuchas a dialectica para mim; apresentas-nos afinal um tolissimo de um X, a quem dás quatro paginas de boas pilherias que me pertenciam, que eram minhas; e mandas o resto á fava, o resto que sou eu, despedindo-me com uma sem-ceremonia tão desabrida, que chegaste a dizer-me, *ó pudor!* que te compensava do meu anonymo, *etc.*, *etc.*, o elogio da Gazeta de Lamego e da Certã!

Escreveste este livro em tão boas horas, estavas em tal pojadura de veia, que—não me logras a mim, não—isto mesmo em ti era chalaça!

*

* *

Pois quero dizer-te tudo, meu rapaz. *Meu rapaz?* Vá lá, a ingratidão castiga-se assim. Quero contar-te, tal qual, assim como nasceram aquelles meus reparos que te fiz.

Era uma noite de junho de grande calma; e eu fui comprar o teu livro, e vim pela rua adiante de meu vagar, apalpando de vez em quando no peito, por fóra do casaco, que me não fosse elle cahir ao sacar a boceta do rapé. Cheguei á porta, verifiquei por ultimo, e comecei a arrastar a bengala até este

meu 5.º andar, aonde humildemente te confesso ser a residencia do teu critico, parando nos patamares, e cheio do feliz contentamento de quem leva comsigo um refresco para tomar ao cabo da estafa. Entrei no meu quarto, abri as vidraças todas, dei luz ao meu candieiro, agiota que nunca me fez esse favor a mim sem que eu primeiro lh'o fizesse a elle, atirei comigo para dentro da minha velha cadeira de bordo, tirei do bolso o teu livro, devagarinho, e com esmero; puz-me a miral-o, a remiral-o, a sorrir-lhe, poisei-o ao lado, n'outra cadeira, em quanto acceiando todos os sentidos me assoava, e retomando-o logo, disse: «Ora vamos a ver quem vence: se é o meu palpite, se são aquelles badamécos.» E abri-o, juro-t'o, com o ar mais satisfeito d'este mundo, com a santa alegria com que o imperador da China deve ignorar que ha livros no mundo, e alegria nos livros. Não sei se digo heresia, mas bacoreja-me no entendimento que a rede do ensino obrigatorio tem as malhas pouco apertadas para apanhar aquelle figurão. E perdoa-me se a um tempo desacato as tuas susceptibilidades monarchicas, e provoco por tua causa alguma questão internacional.

Li pois as tuas *Farpas.*

Coincidiu com a leitura final o intromettido do meu rheumatico. Tem este sujeito umas singularidades commovedoras que eu te conto em duas palavras. É um teimoso sem segundo. Foi um anno a Monchique, e não ha muitos annos ainda, não; e resistiu ao *banho de S. João* com pasmo de todos os devotos curados, que na impossibilidade de descrerem do santo me apodaram a perna de coisa bestial. Succedeu porém que eu deixei alli, n'aquellas serras alcantiladas, a memoria do ultimo dia d'oiro da minha vida, e d'ahi a cura absurda do meu flagello que em me trepando ás pernas logo lhe respondem cá

de cima as saudades da villa tão acarinhada, e o certo é que o maldito vae-se. Mas como n'este caso a cura é mais pungente que o mal, assim succedeu que d'esta vez para espancar as saudades me puz a bedelhar comtigo.

« Nada, disse eu, os rapazes tem muito mais graça do que « isto. E tambem ha por aqui umas coisinhas...

E foi assim que se gerou a coisa. Escrevi-a. Depois, já se sabe, vaidades de velho logo, comecei a jogar epigrammas á perna, e a dizer-lhe que o estylo ainda não precisava de muletas. E *etc. etc.*, concebi, deliberei, e fiz o mais como acima te explico.

Mandei tudo muito bem dobrado a duas folhas da tua amizade, a cada uma por sua vez, e uma carta em que o velho Samuel fazia juizes da publicidade da sua escripta os dois primorosos moços apreciados por ella. De certo te disseram isto. D'aquellas duas folhas passou para outra, onde foi publicada com a sancção de um rapaz como vós dois, do mesmo corpo e da mesma alma. Mas era longe, e eu disse cá comigo : « Nada, pode fazer-se desentendido, e não dar cavaco ao velho. O caso é provocal-o á porta...»

E vens tu, depois de tudo isso, dizer-me que eu te resisto, que te malquero, que te odeio ; que sou um anonymo, e que a minha critica não tem importancia depois dos louvores do periodico de Payalvo !

Sim ? Elle é isso ? Pois então o velho Samuel ainda terá forças para segurar com as suas mãos durante uma hora os braços do ingrato que lhe disse tal, e provar-lhe que as suas prezas, mercê de Deus, ainda lhe não fraquearam de todo como as pernas. Allegará por si, e fal-o-ha com a ira que os grandes affectos reservam para os muito amados e mal agradecidos. Como sem piedade nenhuma atiraram uma pancada ao peito

do velho, accusando na sua intenção o que lá poderia haver de peior se ao contrario não fôra ella o que póde sentir-se de mais dedicado, então o velho tem direito de erguer altiva a cabeça, e impôr para as suas cans o respeito dado em Sparta ás cabeças brancas, provando agora, mas deveras, que no espirito da sua critica não moravam os baixos sentimentos que lhe inquinaram. Não. E elle provará que a sua critica era a Verdade. Que era pelo menos : a Consciencia.

*

* *

Vou pois defender-me, allegar por mim. Mas fica desde este momento expungida da allegação a graça e a zombaria. Atacaste a minha alma, e essa cliente não se defende senão com seriedade. Por isso tambem não venho a discutir, nem a travar razões novas. Venho a sustentar as minhas. E ahi está por que esta carta é só para o pensador que ha dentro em ti, não tem nada com o outro homem, ou outros, que todos nós accumulamos em cada um.

Juro porém antes de começar,—sou velho, não prescindo de uma formula que nunca trahi,—que Samuel não era a resistencia, nem a malquerença, nem o odio ; e que se não era tambem a verdade, era pelo menos, era certamente : a consciencia.

*

* *

Tambem ficam postos á margem todos os pontos de uma censura disfarçada e galhofeira, que viriam aqui offender a gravidade com que hoje te dirijo a palavra, e com os quaes,

como te venho dizendo, nenhuma outra intenção tinha eu senão armar uma cilada innocente á tua graça, á tua zombaria, ao teu espirito, á tua dialectica!

E como, em quanto te escrevo, tenho de sentir os bicos da tua penna cravados no meu coração, por isso não me demoro senão com as grandes phrases em que tu me mandaste ideias radicalmente contrarias e oppostas ás que eu professava, e professo.

Vamos.

O primeiro ponto das nossas divergencias intende com as tuas declarações concernentes á abstenção politica que proclamas, que alardeias mesmo, sendo certo que ainda agora insistes em confessar-nos segunda vez que não és republicano, nem socialista, nem absolutista, nem constitucional.

Não sei, não chego a conceber porque modo seja realisavel e possivel essa mutilação de uma parte do espirito; quero dizer, não me ensina o meu criterio a explicar como póde um genio elevado segregar, dentro em si proprio, do numero das suas convicções e dos seus principios, o mais essencial, o mais necessario, e o mais fatal corollario da sua analyse na sociedade do seu tempo, no espirito da sua epoca. Não sei, nem suppre tambem a minha ignorancia a Critica moderna.

É todavia o caso de pouca monta. Concordamos apenas que a tua alma deixa de raciocinar e de sentir diante da selecção e do estudo das formulas sociaes do teu tempo, e que ahi as minhas crenças e aspirações são como seguem.

Dizia ha pouco um vigoroso pensador da França, fallando de Henrique V: « Na patria são impossiveis a bandeira branca e a bandeira vermelha, mas se alguma coisa podesse garantir o triumpho á segunda seria a victoria da primeira. »

Boa verdade é essa. Velho sou eu que me prezo de avan-

çado, mas não tanto que saiba e possa attingir o ideal do communismo. Isso seria a remodelação social pelo reviramento de todas as bases que os meus livros me ensinaram a respeitar e amar. A propriedade, a familia, o capital e, o trabalho, isso contenta-se a minha democracia que sejam o que são nas republicas perfeitas. Mas em nome das minhas crenças, sinceras, radicaes e profundas, eu declaro desembuçadamente que prefiro tudo ao monarchismo, affrontoso da religião e do direito. E se ainda em vida minha surgisse á luz do mundo o escolhido, quem quer que fosse, de cujas mãos tivesse de cahir para todo o sempre a cabeça do maior scelerado de todos os seculos, não seria eu quem me pozesse a inquirir das qualidades e do nome do verdugo.

É o communismo a desolação, o incendio, a agonia incessante, a furia com espiraes de fogo na ignea juba, levando o supplicio a toda a parte, suppliciada ella propria, matando, destruindo, mas pressentindo e vendo a cada passo os horroresdo seu suicidio final? Mas isso é ao menos o entenebrecimento do juizo, a orgia das ideias embriagadas, o tumulto dos desatinos irresponsaveis, a tempestade de chammas da rasão desvairada; rasão desvairada, mas rasão.

E o monarchismo é peior. Mil vezes peior, porque esse é a tyrannia quieta, o despotismo methodico e harmonico de um phantasma, que vive das trevas dos espiritos, da indifferença das consciencias, do scepticismo das tradicções e da historia.

Esse é a rasão sophismada, a rasão contrariada, a rasão perseguida, a rasão humilhada, encerrada, supprimida, suffocada, morta. Esse é a negação do direito, o limbo atirado ás almas, o silencio infligido aos corações. É, foi, ha de ser sempre assim. É sempre a humanidade humilhada por uma vontade, e ainda que essa vontade seja rútila e brilhante. Mais do que

Augusto, Luiz XIV, e Bonaparte, será sempre melhor ter sido Gracho, Wollowski e Manin. Uns são a usurpação com os pés sobre o peito da humanidade. Os outros são a rebellião sublime nascida com o apostolado, sustentada com o sangue, e abatida com a cruz!

Eu tambem, entre os dois extremos sanguinolentos, preferiria, com o espirito da novissima França, a bandeira branca sumida no conto da bandeira vermelha!

*

* *

D'umas mulheres disseste: *Acceitam Deus como um chic.*

Não fallemos d'estas. Jungidas fiquem ao poste que lhes pozeste com a explicação d'esse vocabulo a paginas 28 do teu segundo livro, no meio de outras paginas por onde espalhaste ás rebatinhas umas sementes a que eu do coração desejo que aproveitem as chuvas do céo.

Mas d'outras accrescentaste: « As mulheres virtuosas, as mulheres dignas formam na sociedade portugueza uma maioria inviolavel! Se alguma coisa finalmente podemos dizer profundamente verdadeira é que ellas valem muito mais do que nós. »

Repliquei-te que não podia coexistir a verdade em ambas, n'esta e n'aquella phrase. Agora digo-te mais claro: se ambas o não são, a falsa é esta.

Vejamos.

De que mez fazia chronica o teu livro? De Maio. Muito bem. Investiguemos, procuremos. Que facto, que successo, que emprehendimento, que virtude, que coisa grande, caracteristica distincta, celestialmente meiga ou superiormente heroica, que

phenomeno, emfim, que dedicação insigne, que heroismo notavel, que celebrada caridade deixaram n'esse mez á historia da nossa patria as mulheres portuguezas?

Eu de mim encontro um estranho e negro caso que contradiz a tua theoria optimista pelas mulheres. Quando a imprensa o ouviu da victima lapidada por uns retalhos d'essa tua *maioria inviolavel*, d'ella alguem houve, e por ventura insuspeito, que se cobriu de lucto, e se confessou forçado a quebrar o silencio perante uma desgraça enorme, com acrimonia dolorosa. Este fôra o impulso da imprensa que tu fulminaste, e por parte de quem não trazia a sensibilidade enfeudada ás dôres de um infortunio infernalmente ultrajado pelas tuas mulheres *inviolaveis*. A lente do teu oculo essa nem sequer embaçou n'esta escuridade ao passar revista no pudor dos lares para sacar de lá a theoria que devia ser o vilipendio do nosso sexo.

E todavia o caso nas consciencias puras de homens e de mulheres estrondeára como um terramoto!

Succedera isso n'um carcere, no dia em que entrava Deus ás cellas dos encarcerados. Era o dia da communhão, o dia em que as portas das prisões recuam de par em par a dar passagem á hostia consagrada, o symbolo da reconciliação entre a culpa do homem e o perdão de Deus.

Contra os ferrolhos de um d'esses cubiculos tumultuavam as mulheres e tumultuava nos labios d'ellas o riso, o ultrage, a curiosidade insultadora, o despeito mal reprimido. Dentro d'esse cubiculo morava um desgraçado immensamente respeitavel.

Era um homem de 32 annos, e que ao tempo da sua edade accrescentava já outros dez annos de degredo, que elle acceitara com a mesma tranquillidade com que esperava ainda mais cinco que, antes de nova sentença, o consenso unanime lhe

prophetisava e promettia. A curta historia de sua vida, e a immensa catastrophe da sua ultima data, estavam amplamente publicas. N'uns melancholicos traços se pode contrahir essa historia. Propiciára-o Deus para que desde os 19 annos, por uns movimentos apaixonados de sua alma, assignalasse sympathicamente a sua carreira entre os moços da sua patria. Por vezes a fortuna lhe sorrira. Tambem por vezes brincára com elle a gloria. Afinal um dia uma labareda estupida se ateia com todos os materiaes do seu auspiciado destino, e ao sumir-se nos ares a derradeira chispa do pavoroso incendio, veio a saber-se que com as cinzas evoladas para as nuvens do Senhor subira tambem a esposa estremecidissima d'elle, d'elle que ficava alli de pé, calcinado, com tudo queimado dentro de si, e podendo ver com os olhos do rosto n'aquellas carbonisadas ruinas todo o interior de sua alma, do mesmo modo com que horas antes contemplava na vida palpitante d'esses lemures o céo todo inteiro da sua felicidade sem balisas! Sabia-se que esse homem, desgraçado ou louco, se atirára de cabeça para o fundo n'uma voragem sem redempção! Soubera-se tambem que amára immensamente, e que para salvar a immensidade do seu amor n'uma memoria e n'um perdão, bem ou mal crêra que lhe cumpria abrir uma sepultura aonde como n'uma taça, Deus recebesse para o seu seio uma existencia que já não tinha thalamo na terra, e que depois, com essa sepultura defendida pelo seu peito, assim se quedára sempre, firme, tranquillo e mudo, deixando que repetidas vezes contra si se esgotasse o *montão de pedras* ás mãos da calumnia e do odio. Tudo isto era sabido, e muito mais.

Quando esse homem appareceu deante da justiça, e da lei, deram-lhe a palavra para defender-se, e elle pediu, instou, supplicou que lhe não infligissem o mais acerbo dos tormentos,

na palavra, que tantas. vezes lhe fôra contentamento e jubilo; bom ou mau orgulho Só mais tarde quando lhe leram o veredictum que importava a pena do seu desterro, então sim; resurgiu serena a sua phisionomia, e a sua voz, sem affectação nem ironia, natural e firme, pôde agradecer ao jury as deliberações que o condemnavam. Por uma mutação profundamente commovedora, e de enternecimento singularissimo' parecia que o magistrado presidente do tribunal lhe tomára conta das lagrimas, em quanto fallava. Era certo que em vez do réo era o juiz quem chorava. Tudo isto fôra sabido.

No dia immediato o assombroso causidico d'esse homem; tomando forças da mesma angustia que o seu cliente lhe inspirava, consolava-o dizendo-lhe a proposito de uma resposta a um quesito : « Fizeram a maior justiça ao teu caracter : aquella resposta foi uma veneração para ti e para as tuas memorias ! » E o cliente redarguia : « Meu querido amigo; crê pela salvação da minha alma, eu senti em mim o virtuoso desejo de beijar a mão a cada um d'aquelles jurados cuja penna lavrou o meu direito exclusivo de julgar quem eu matei. « E Jayme Moniz, trémulo, excitadissimo, cresceu com a sua luminosa fronte acima dos hombros, nos do seu cliente apoiou e estendeu em duas parallelas os seus braços longos e nervosos, e fitando bem nos olhos d'elle os seus olhos inundados de dôr e de enthusiasmo, disse-lhe n'uma apostrophe cortada por um gemido : « *Do que eu tenho profunda pena é de te ver perdido para a palavra do meu paiz !* » Tudo isto era tambem sabido.

Quando esse homem se levantava pela ultima vez ao cabo de tres dias do seu julgamento, todo o mundo ouviu silvarem-lhe aos pés, esganadas no seu derradeiro estertor, as cabeças das viboras com que por mais de meio anno o enfaixou a ca-

lumnia impunemente, e sem nenhum desforço d'elle; e antes d'isso ouvira pela sua honra jurar o seu defensor que aquelle réo lhe pedira de joelhos que só n'esse triumpho pozesse a mira, que por parte d'elles dois de mais nada se curava n'aquelle tribunal, e que abandonasse o seu delicto vivo, inteiro e palpitante nas garras famelicas dos seus delatores. Era tudo isto sabido.

Findo esse julgamento, o silencio que o precedera nos prélos destemperou n'uma trovoada incessante. Os protestos conglobaram-se det oda a parte. Havia um homem condemnado, mas ninguem queria que o julgassem capaz de egual severidade. Ás portas do tribunal confessavam todos que uma votação de todos seria favoravel ao condemnado. Pelas senhoras das galerias affirmou uma que alli teria unanimidade a absolvição. Ao carcere correram no dia immediato caracteres dos mais puros, pares do reino entre elles e dos mais considerados na honra publica, a confessar que iam alli em penitencia de se haverem deixado illudir pela infamia. De toda a parte as adhesões e as lagrimas. Das ilhas portuguezas, de todas, os manifestos mais vehementes, mais apaixonados, mais affectuosos e estremecidos.

Ainda na vespera, de uma d'essas ilhas, de Angra do Heroismo, um diploma popular, no qual se alardeava que era a desgraça a que aquelle povo escolhia com amor para se acercar do vulto d'ella. Da America oiro e brilhantes postos sobre a formosa cabeça aonde se gerára a apotheose para o caracter illibado e redimido!—Tudo isto era sabido tambem.

O dia da pavorosa scena do carcere fôra o dia 8 de maio, do mez primeiro que tu amarraste á tua chronica. Mas esse dia, sabes tu, fôra o mesmo que doze mezes antes affogueára o quadrante a chamma d'aquelle grande incendio do desven-

turado. Era o primeiro anniversario do seu trespasse d'elle, a que o destino, por umas cruezas sem memoria, quiz que o proprio morto ficasse assistindo em vida pelo tempo adiante.

Que dia! que horas as d'esse dia! que momentos os d'essas horas! que instanles n'esses momentos! A pancada dos relogios das torres coava-lhe aos ouvidos as bétas candentes d'aquelles *mesmos* sons no *mesmo* dia do anno extincto. O sol punha-lhe aos pés a mesma chamma lethal e esbrazeada. O ar revoluteava, e redemoinhava em derredor d'elle, como alguma coisa espavorida, e enleiava-o, abraçava-o, enroscava-o, para lhe triturar lentamente, e fio a fio, as fibras da alma e as do corpo. Era o anniversario da sua propria morte, alguma coisa de monstruosamente infernal na escaleira dos nefandos martyrios. Por isso, e só por isso, eu te dizia que era immensamente respeitavel esse infortunio. E não era?

Mas mais, a cella d'aquelle preso é que era sacratissima! Porque dentro d'ella guardava um deposito seu a justiça humana, e fóra velava por esse deposito a providencia dos sentenciados. Vá. Diga-me a tua alma se ha arca no mundo para respeitos mais altos. Pois bem. Umas mulheres houve que apodreceram todas essas memorias e tradicções ao tábido halito de suas almas obduradas, esbofeteando a Providencia á porta d'aquella cella, e assobiando lá para dentro, no seu escarneo em horas mais longas que a eternidade, a gargalhada e o ultrage. Grupos de mulheres, entendes? Não havia, não houve nunca um homem no meio d'ellas!

Pensarás que estou atraiçoando a verdade em favor da minha refutação. Bem. Dou-te uma testemunha insuspeita. É do funccionalismo, e das letras como tu; ha quatorze annos escriptor. Chama-se o dr. Ferreira da Costa. D'elle ouviram uns, que m'a recontaram a mim, a seguinte scena.

O teu collega teve de abrir passagem contra a onda, e não sei se ao pôr a mão nos ferrolhos da porta involuntariamente prendeu as mechas soltas da ultima cabeça que a curiosidade revesava na clareira da chave. Entrou. O amigo d'elle, e o teu, estava só, de pé, com o punho esquerdo a amparar-lhe o corpo, fincado sobre a carta interrompida em que o preso estava inthesoirando para sua mãe as lagrimas d'aquelle dia. Vel-o foi o mesmo que lançar-se-lhe nos braços, e exclamar-lhe quasi desabridamente : « Obrigado, meu velho amigo, salvaste-me de enlouquecer, quem sabe ? » E o dr. Ferreira da Costa disfarçou por longo tempo a impressão estranha das respostas incongruentes que lhe dava o desgraçado. Pergunta-lhe como elle o viu, como por 60 minutos o teve deante de si, e quantas vezes o outro lhe repetia, mesmo deante de quem mais chegou depois : « Tu não sabes, nem eu talvez, o bem que me fizeste. Foi Deus que te guiou aqui. »

Já ahi estava o homem que eu te offereço, quando se passou o caso que vou referir-te.

Os 15 degraus da escada que defronta com a cella do teu amigo estavam tomados por um rancho gracioso e alegre de meninas loiras, que do alto do patamar dominava uma mulher enorme, a qual d'alli lhes atirou para cima da alegria d'ellas, e do seu chilrear despreoccupado dos pensamentos da outra, as seguintes palavras, *textuaes : Então! Não tem lá dentro umas taboinhas, e um tapete? Quem lh'os substituira por um chicote!*

Ha apostrophes que são como os tremores de terra, fazem o terror e o silencio. As donzellas fitaram-se melancholicamente, e uns dois infelizes, companheiros do preso, que sem perceberem à malevolencia de uma pergunta tinham confirmado o que a mulher asseverára, sairam d'alli com os ouvidos quei-

*

mados pelo simoun da ascorosa contumelia bufado dos labios da Tesyphone!

E as meninas desceram a escada, por onde pateou atraz d'ellas a mulher do tal dito. E mais adiante, consternadas, e rodeando-a, perguntaram-lhe ellas, que historia tão má era a d'esse preso que tamanhas severidades affrontava. E a velha, porque era velha essa mulher, lá foi contando, ao que parece, a historia pedida, áquella innocente e indefeza colmeia de noivas futuras.

Francamente. Interrogo-te em nome da historia, e em nome da tua consciencia allumiada pela historia. Aonde, ainda que tu os catasses no derradeiro lodo das sentinas da tua patria, darias, já não digo com 4 grupos de homens, mas 4 homens só, capazes d'esse cannibalismo estupido? Aonde te depararia a perversidade masculina uma bocca por onde espectorasse uma negrura d'esse tamanho?

Dirás, como ahi disseram n'uns salões do teu conhecimento, e do meu: « Isso era por força mulher ordinaria. Só mulher do povo... »

Eu não sei já bem com a minha velhice o que são as mulheres do povo, e as outras. Tu lá entenderás d'essas jerarchias, dá-lhe pois o logar que por melhor hajas á vista d'estas informações que eu posso fornecer-te. Era alta, espadauda e redonda. Não sei se essas medições servem, como as côres do sangue, para aquilatar as prosapias. Tinha madeixas bastas de cabellos brancos, que iriam bem, ao que se me quer figurar, enroscados no tronco de qualquer Laocoonte. Trazia a pelle coberta com sedas de Lyon, e o decote franjado de rendas cruas de Bruxellas. Tinha á porta um landau armoriado, e quando a proprietaria punha o pé no *fender* um dos lacaios contava ainda á troça das portinholas que ella era viuva de um senhor

illustre que levára para a cova um chapéu de bicos e uma espada d'oiro. É quanto posso referir-te. Felizmente não me disseram o nome, a que eu dou hoje o logar principal nas minhas deliciosas ignorancias.

Se eu fosse desleal e imbecil, a ponto de mirar aqui a alguma popularidade, faria umas tredas apostrophes pela mulher do povo, malquistando-te com ella. Não. Sou incapaz d'essa fraqueza, e ao contrario, o que eu quero deixar bem consignado é que eu, Samuel, hei de detestar até á morte, e alem da morte, todas as mulheres que forem como essa mulher pôdre, quando ellas, quaesquer que sejam, do povo ou da côrte, tentarem, com o pé eternamente fincado sobre um nobre peito, esmagar lá dentro d'elle o desprezo pelas suas cruezas e pelos seus vicios! O que eu quero, meus nobres rapazes, é antes de morrer exclamar perante o mundo, que, pelo menos na minha patria, os homens valem mais do que as mulheres. O que eu quero, meus amigos, é já com o pé no primeiro degrão da minha sepultura, com a cara voltada para a historia, atirar-lhe com esse grito da minha consciencia em honra do meu sexo!

Amigo. Entra comigo um receio gerado do conhecimento que eu tenho da tua dedicada alma. Quem sabe, dirás tu, se essa historia poderá acicalar as sanhas contra o homem que ahi tão singularmente e tão tristemente figura? Tambem eu meditei n'isso e resolvi depois comigo,—que importava pouco. De tradição apenas o conheço, mas tu melhor do que eu sabes quem elle é, e como é feito. Ha 30 annos que sois amigos, diz-se. Quasi desde o berço vos começastes a entender, as vossas almas pensaram muito uma pela outra, e é certo que muitos na vossa infancia vos trocaram os nomes ao trocarem-vos as phisionomias. Pois bem. Eu assevero em teu nome, e com o teu testemunho, que esse homem não tem, não teve nunca,

não terá jámais senão desprezo profundissimo por todas as mulheres perseguidoras do seu infortunio, só por essas,—mas por essas, todas; — e que elle as provoca destemida e desabridamente a não cançarem na sua guerra, a perseguirem-no aqui, no porão do navio que o levar ao degredo, lá, na Africa, no inferno, em toda a parte; e lhes jura que o encontrarão sempre de rosto contra os seus odios e as suas coleras, entranhado de desprezo por ellas até á impotencia de estimulal-o o minimo desabafo de uma represalia!

Eu em nome do teu testemunho affirmo e juro, que esse homem, contra os falsos convicios da calumnia, nunca jámais, depois do baque da sua desgraça, deixou de ter o seu vestido apertado á mortalha que fabricou, e a sua alma cheia da memoria aonde habita a esposa com que elle por suas proprias mãos atirou ao regaço da Providencia.

Foste tu testemunha dos seus primeiros impetos de colera. Atravessaram-te o peito, e foram habitar em teu coração, porque n'uma noite te escutaram uns a ti, aterrados, de colerico que estavas como elle! Um beijo poz elle na mão com que tu escreveste, depois do seu julgamento, umas coisas biblicas ácerca do seu martyrio. Conheces perfeitamente aquella alma. Pois em nome do teu testemunho eu affirmo e juro, que elle pede ás eumenides do seu destino que o detestem, mas que o não lastimem; eu juro em teu nome, e por elle, que nunca ninguem arrancará jámais do peito d'esse homem a imagem da mulher que matou, e que os supplicios e as raivas que possam infligir-lhe as mulheres não servirão áquelle desgraçado, —mas isso ainda bem que é muito e que é tudo!—senão para lhe mostrarem bem no seu espirito, grande apezar de tudo, sublime e distincta a mulher que *era* sua, pequenas, vís e esqualidas aquellas, que sobre todos os sacrilegios commettem

o mais nefando de recordarem e discutirem diariamente um infortunio que lhes não pertence, que lhes devia ser sagrado, desde que metade d'elle se emparedou n'um tumulo, e outra metade se sepultou entre ferros! Tu não me deixarás mentir, que o conheces como a irmão, e sabes que é isto uma verdade inteira!

Amigo. Moço generoso. A minha consciencia tem profundamente entranhada nos seus seios, como a alga escondida na solução interior de duas rochas sobrepostas, a seguinte convicção, contraria á tua, de que os portuguezes valem muito mais que as portuguezas.

Isto nas cidades e nas villas, nas aldeias e no campo.

Ora conversemos, e responde-me franquissimamente; eu fio-me da tua lealdade, appello de ti para ti proprio. Tu que tantas vezes tens vivido no campo, que tanto folgavas n'elle, entra comigo, aqui, no eirado d'este primeiro lavrador. Quem é n'aquelle grupo a creatura boa, meiga, delicada até, fina quasi por um como instincto educado no convivio da natureza núa e sã; a pessoa branda, affavel, suave como o ar que respira, serena como o céo que a cobre, macia como a relva que ella pisa?

Anda, sê justo, responde: é o homem.

E agora. Quem é ahi o typo intolerante, avaro, bulhento, que flagella tudo e a todos, que berra aos pobres que batem á porta em nome de Deus, que castiga brutalmente as creancinhas que estão ali em nome do céo, por causa de quem sáem para a rua os creados velhos que alli ficaram pelos antepassados; que não tem affagos e bons modos senão para duas creaturas da casa, uma refinadamente ingrata: o gato; outra bestialmente immunda: o porco?

Vá, responde ainda que te custe: é a mulher.

Nas cidades o burguez trabalha francamente, e súa tão francamente como trabalha. A burgueza, tu mesmo o disseste, no domingo que a sua religião lhe dá para ir á Egreja orar a Deus pelo trabalho honesto de seu marido, pela boa sorte futura de seus filhos se os tem, vae ella mostrar aos outros... como o suor de seu homem reluz bem nas pratas da equipagem. E assim por diante em todos os mais, de que separarei uns apenas por te deverem ser mais accessiveis.

Vê tu o litterato, e a mulher do litterato. Compara os dois chapeus de um e de outro quando os vires na rua. O d'ella soberbo, magnifico, explendido, como as imagens, os recamos e opulencias da phantasia do homem. Se não fôra um chapeu, póde dizer-se que seria um livro. O d'elle, oh tu sabes o que é, afora o teu, o chapeu de um litterato...

E quem provou jámais que tudo quanto ha de mau na humanidade não é peor na mulher que no homem?

Quem refutou a Stael? E a Stael era mulher! E era mulher offendida systhematicamente pelos orgulhos de Napoleão! E era, alem d'isso, uma coisa muito maior do que ambas essas. Era a Stael!

Amigo. Entrara-me no cerebro a suspeita, e penso que alguem m'a suggeriu, de que a minha primeira carta te deixava mal com as mulheres. Ora não pode, nem deve ser assim. Eu sou velho, com o rumo para a cova, e pouco se me dá d'ellas, do seu amor ou da sua colera.

Tu és moço, e gentillissimo, estás no polo opposto, por outro modo tens de sentir e de querer. Pois bem. É por isso que na minha propria mão te venho offerecer desforra ampla, inteira, completissima. Ahi a tens.

Ficarão comtigo as mulheres todas. Tudo será contra mim, tudo, os homens até. Esses hão-de applaudir-me e absolver-

me nas suas consciencias, mas têm de crucificar-me nos labios, forçados por ellas, que até os impedirão de subir, uma vez por anno siquer, ao 5.º andar da minha trapeira inoffensiva. Não importa. Não; não importa, porque no fim de tudo tu ficas sendo o demonio com a mentira pelo braço, e eu serei sempre Samuel, com a verdade e a consciencia de cada lado! Estas duas companheiras valem todas as mulheres que te abandono. E não me lastimes. Quem perde és tu.

Antes de concluir tenho que interpellar-te em nome do teu 2.º livro, que chega a ser tão perfeito que até se põe do meu lado contra ti. Diz elle, quasi no fim: *Vimos bater em brecha a corrupção do nosso tempo.*

Porque deixastes pois san da vossa *artilheria,* intacta das vossas *peças,* limpa dos vossos *morrões,* e illesa das vossas *carretas* essa *corrupção* que eu te recordo, e tu sabias? Não valia pelo menos tanto essa como a corrupção lyrica do poeta X?

A final, e em conclusão. Ahi tens que não era resistencia, nem malquerença nem odio, a theoria que oppuz á tua theoria.

Era a consciencia, se não era a verdade.

*

* *

Accusaste a poesia lyrica, por ti mal conceituada, em nome das classes operarias.

Neguei tal direito. Neguei-o sobretudo ao *bom senso*. É certo porém que não expliquei amplamente a minha idéa.

Eu queria dizer-te, que a poesia se condemna em nome do bello, em nome da arte, em nome da sua missão se quizeres, como tu o fazes no teu 2.º livro. Não podes porém condem-

nal-a em nome do operario, em nome da industria. Tal condemnação é antithese de bom-senso. Se o poeta é mau, piegas ou tôlo, na sua insania, na sua frivolidade, na sua parvulez terá o seu castigo inteiro. Mas poetas maus não lesam interesses á industria. O mau poeta, e até o parvo, se fôrem á officina buscar o artefacto d'ella deixarão dinheiro, se não voltam sem elle. Com a versalhada é que elles não pagam, e é talvez mesmo quando começam a perceber que os verdadeiramente lesados com o lyrismo incubo são elles, e que lhes urge para poderem pagar alguma coisa vender primeiro a theorba ao primeiro cabeça de pau que lh'a queira.

E mas provado *à priori* que um mau poeta, ou um poeta tôlo, a custo daria de si operario de qualidades differentes, então chega mesmo a ser providencial que os poetas cantem fóra das forjas!

*

* *

Com intima repugnancia recordo um ponto pequenissimo Mas exactamente porque o é, não quero que mesmo esse o deixes de ver tu á sua claridade na minha consciencia.

Neguei que as paginas do teu livro podessem ser repulsas do *jornal* proximo do prélo que lhes deu luz.

Era sabido na cidade que esse prélo se fechara para as brilhantes e ousadas investigações de um pensador laborioso, o qual resolvera dirigir a um ministro uma tal carta menos humilde. E a cidade havia lido, dias antes, do philologo a quem me refiro, transladadas da sua palavra vehementissima, nas paginas do *jornal*, audacissimas opiniões, sobre as quaes um

poder de chumbo mandara soldar os ferrolhos da casa que as escutara.

Logo, conclui eu, não podia prejudicar-te a ti na folha zêlo superior ao zelo do prélo.

Isto vem só para deixar a tua alma bem cheia da minha lealdade.

Fujamos d'aqui para pontos elevados.

*

* *

Tu disseste : *O catholicismo é a expressão mais logica e mais profunda do Christianismo.*

Eu disse : *Deus me livre de o asseverar como tu !*

Destrincemos isto que é ponto alto.

O catholicismo primeiro, e mais tarde o protestantismo, foram as duas formulas em que a christandade pretendeu emmoldurar e traduzir os sentimentos, as doutrinas e os preceitos christãos.

Fallemos do catholicismo que é o ponto da tua e da minha these. Esse porém soffreu de diversos seculos formulas essencialmente contradictorias que tornam contradictoria a sua natureza.

A qual te referias tu pois ?

Ao do 4.º seculo, o do concilio de Nicêa ?

Ao do concilio de Bâle ?

Ao do concilio de Constança ?

Ao de Florença ?

Ao da edade media ?

Ao do concilio de Trento ?

Ao do concilio de 1870 ?

Por outra: Ao dos primeiros nove seculos da egreja? Ao da edade média, ou ao catholicismo moderno?

Para que a tua these não seja uma banalidade no ponto da deducção em que a escreveste, tu referias-te forçosamente ao ultimo.

Accusavas os que, *dizendo-se catholicos*, recusavam o poder temporal e a infallibilidade do Papa, e portanto a tua doutrina catholica, *logica e profunda* com o sentimento christão, é essa. Bem sei que isso não te obriga a ti a acceitar os dois dogmas da religião romana, e por aqui vês tu com que lealdade previno as tuas susceptibilidades. Bem sei. A questão não é essa, é saber se o catholicismo que proclamou esses dogmas exprimiu *logica* e *profundamente* o sentimento christão. Isto é o que tu affirmas. Isto é o que eu nego.

Deixa-me porem dizer-te já que para a minha critica e para o meu estudo, nem mesmo na sua melhor edade o catholicismo foi nunca expressão *logica* e *profunda* da doutrina de Jesus de Nazareth. Isto para que tu não penses que eu quero cruelmente apertar-te nas conclusões rigorosas do teu raciocinio inconsciente. Não. Acceito a tua these na sua maxima amplitude, não te recuso a prova d'ella em nenhum periodo historico, e n'esse, qualquer que tu escolhas, é ahi que eu t'a nego.

Olha que é um preceito de dialectica, que a prova incumbe não a quem nega, mas a quem affirma. É o mesmo. Provarei eu.

Tratemos primeiro os dois pontos que me suggere a tua doutrina. Temos a infallibillidade e o poder temporal definidos e acceites pelo teu catholicismo.

Este velho que te escreve leu a Biblia desde o Genesis até ao Evangelho de S. João. É pois com esse expositor que te responde.

Infallibilidade papal quer dizer inenerrancia do vigario de

Christo na terra. Vigario, sim, porque o vicariato fundou-o Jesus no dito a Pedro: *Tu es Petrus, et super hanc petram...*

Mas Jesus Christo, sentado no templo, afastou um dia os doutores e o povo, os pretenciosos e a turba, e disse: *Sinite parvulos venire ad me*: não afasteis de mim as creancinbas.

A confusão do auditorio poz os olhos no chão quando Jesus accrescentou: *Ex ore infantium nascitur veritas*: da bôca das creancinhas sae a verdade.

Quer dizer, Jesus já no seu tempo preferia á verdade dos sabios e dos grandes, a verdade dos innocentes. Jesus, que era Jesus, não se humilhava de confessar que pretendia ouvir a verdade dos mais puros e dos mais inexperientes a escutal-a dos mais praticos e mais poderosos.

Jesus não admittia a infallibilidade de ninguem onde as creancinhas tinham voto e conselho. Nota, meu amigo; Jesus não impunha sequer a sua infallibilidade! Ah, por isso Elle ficou sempre Jesus, e dezenove seculos passados ainda ninguem desthronou aquelle Senhor de todas as almas!

Deixa o velho ter uma vaidadesita, que te põe a ti mais á vontade. Deixei de lado todos os argumentos dos meus livros sabios. Tenho um certo prazer religioso em te offerecer a minha prova n'uma interpretação *minha* de um dos logares da minha Biblia. Peior para mim se m'a não acceitas. Consolação maior se tu me disseres que já alguem pensou como eu.

Continuemos,

Poder temporal quer dizer riqueza, posse e dominio de bens terrenos.

Mas o Nazareno disse: «O meu reino não é d'este mundo.» Mais: «Eu venho para ensinar a Lei. Eu sou a verdade, e sou tambem o companheiro dos desvalidos e dos pobres, porque a

minha missão é tambem prégar a humildade e pratical-a. Os meus apostolos serão uns pescadores, pobres como eu.»

Riquezas, temporalidades, Jesus não as acceitou, não as deu. A Pedro não disse Elle que as adquirisse. E os seus apostolos, —e esses é que eram a expressão logica e profunda da sua doutrina,—quando queriam vestir os nús que encontravam nos caminhos, não despojavam os reis da terra, atiravam-lhes aos hombros a sua capa remendada. Remendada digo, para indicar que ficavam sem nenhuma.

Conclusão: Christianismo significa: Sciencia e doutrina de Jesus Christo. A sciencia e a doutrina são essas. O catholicismo que as contraría poderá ser a sua calumnia. A sua expressão logica e profunda, nunca!

Subamos a um ponto mais alto, amigo. A nossa questão prende com um dos estudos modernos mais vastos, e não dos mais consoladores: *As relações do Estado com a Egreja.* D'esse estudo conclue-se que o catholicismo não conquistou jámais o honroso pregão que tu deitaste por elle. Foi isto tambem o que acima generosamente prometti provar-te.

Assignalemos a *infancia* do catholicismo nos primeiros seculos da egreja; a sua *virilidade* brilhante na edade média; a sua corrupção no concilio de Trento; o seu *abatimento* ao estrondo de 89, e mais tarde á ordem executada de Napoleão, cujo embaixador foi à cidade eterna *beijar o pé a S. Sanctidade e prender o rei de Roma,* que veio em pessoa cumprimentar o imperador á cathedral de Paris; o seu *ridiculo* no concilio de 1870, desfeito pela fuga depois de ter realisado o velho sonho da edade média definindo o dogma do papa infallivel, definição perante a qual é notavel a indifferença do mundo europeu, como se o atediara um tal attentado consumado ao cabo de 300 annos de surdos lavores dos Jesuitas. Dogma que continuou a

ser discutido como d'antes, e depois do qual passados uns mezes o Papa desthronado dizia ás reliquias que lhe ficavam no seu isolamento: «Não esperemos nada de ninguem. É certo que nada poderemos.»

Eu logo direi, não te faça impressão, como o grande movimento do seculo passado foi tambem um movimento religioso.

Vejamos agora. Tomemos a edade pura, chamemor-lhe assim, e a edade aurea, do catholicismo. Até ao concilio de Trento, por outra.

É esta a tal hypothese que eu por generosidade para comtigo quero figurar. E digo eu: O catholicismo dessas duas edadés não é a expressão logica e profunda do christianismo.

Façamos pelo teu lado justiça inteira ao que havia de grande, de generoso, de brilhante, nos primeiros quinze seculos da Egreja Catholica. A Egreja tinha uma constituição eminentemente liberal. Era uma monarchia representativa, com o seu chefe em Roma; e com as suas assembléas compostas de todo o clero do orbe catholico. As assembléias discutiam, decidiam, aprovavam, acceitavam. Quem mandava era o governo representativo. É innegavel, é facto. Ainda mais. Quando nas assembléas a cabeça de Roma tentava arregaçar o collo, o clero oppunha-lhe rosto convincente, e Roma encolhia e recuava. Para os Gregorio VII, Bonifacio VIII, e Innocencio III, fizeram os adoraveis clerigos da França esse mote eterno: *Si excommunicaturus venit excommunicatus abibit.* «Chega a ser verdadeiramente extraordinario, diz o espirito mais encyclopedico do seculo XIX fallando d'essas assembléas constituintes dos primeiros 16 seculos da Egreja, o espectaculo d'estes formidaveis concilios congregados de toda a parte do mundo, contando os votos por nações, e succedendo assim que as deliberações da maioria d'esses congressos eram as deliberações

do universo. O que são ao pé d'isso as assembléas deliberativas dos nossos tempos?»

É isso verdade. Mas nós não discutimos se o catholicismo foi então grande e elevado. Queremos saber se foi expressão do christianismo logica, e profunda. E isso não foi. Porque? Porque ás grandes e incontestaveis virtudes e qualidades do catholicismo faltava a virtude christã da abnegação politica. O catholicismo era ao mesmo tempo o poder ecclesiastico e o poder politico. Dominava nas consciencias pela sua auctoridade, mas pela sua influencia ingeria-se e dominava nos estados, inspirava-lhes a sua vontade, insuflava-lhes a sua natureza, imprimia-lhes o seu character, o seu pensamento, o seu modo de ser, o seu modo de obrar. Coincidiam com os grandes movimentos da Egreja os grandes movimentos do Estado, as luctas da primeira com as luctas do segundo, as revoluções e os cataclismos do segundo com os cataclismos e as revoluções da primeira. Estava a Egreja em paz? O Estado não estava em guerra. Andava a anarchia no Estado? É porque já havia começado na Egreja. Procura no teu Edgar Quinet as ephemerides correspondentes, para eu não fazer d'esta carta um cartapacio.

Mas Jesus Christo disse: *Dae a Deus o que è de Deus, e a Cezar o que é de Cezar.* Odillon Barrot no seu formosissimo livro a *Centralisação* ensina-te se quizeres, n'uma generalisação explendida, o que aquellas palavras exprimem. Significam nem mais nem menos, que o Christianismo não fôra só uma revolução moral e religiosa, mas tambem uma revolução social e politica. Significam que Jesus Christo estatuia assim a separação do Estado e da Egreja, marcando à sociedade politica as bases que eram suas, inteiramente independentes das que á Egreja cumpriam. Os imperios no seu logar, a Egreja

no seu. Esta foi a lei de Christo, e quando Carlos Magno ajoelhava aos pés do Padre Santo, tanto o Imperador como o Padre já primeiro sobre a meza de oiro tinham ambos esquecido a doutrina do Mestre.

Quando o grande Cavour formulava o santo principio da *Egreja livre no Estado livre,* Cavour copiava de Jesus Christo. E assim copiam d'Elle os rarissimos que de seculos a seculos tentam por fazer vingar uma das mil verdades que Jesus prégou e ensinou.

Ora o catholicismo em nome do qual a Egreja absorve o Estado poderá ser a sophismação do christianismo. A sua expressão logica e profunda, nunca!

Talvez me digas que na outra carta te citei as opiniões de Antero do Quental, e que essas apenas profligaram o catholicismo do concilio de Trento, elogiando o outro. Sim, senhor, e é isso mesmo o que eu faço. O elogio d'elle é um, a tua apotheose é outra. E se não, pergunta-lhe se elle põe o seu nome debaixo do teu panegyrico. Não põe.

Continuemos.

Sabes tu o que foi o concilio de Trento? Certo sabes. Foi um protesto de restauração contra o grito estupendo vomitado do Norte pela boca de Luthero. Mas a auctoridade d'esse protesto já não era a auctoridade pura dos antigos concilios. As nações desappareceram, e a velha formula *omni plebe adstante,* se figurou na acta, foi o primeiro escarneo e a primeira affronta n'aquelle prologo estupendo de tantos outros! Póde dizer-se que a um homem outro homem respondia, pois que por uma só cabeça pensavam e decidiam os 187 membros que de si desentranhara, a final triumphante, a sotaina do papado. A sua historia na peninsula hispanica deixou impedidos os caminhos com as cruzes commemorativas do sangue derramado. Roma

vencia, e as côres da sua victoria eram todas, como os flagicios do Sancto Officio, (Sancto Officio, meu Deus! que calumnia dos vocabulos!) eram todas: brancas como as cãs que elle fazia, rôxas como as nodoas que punha no corpo, vermelhas como o sangue de que tingia as carnes, verdes como as drogas que injectava nas veias dos penitentes, amarellas como os sorrisos que deixava na bocca dos confessos forçados pela tenaz em braza, negras como os feretros de que accumulava as familias, brancas... vá, sim, outra vez brancas porque lhe cançava a inventiva das côres com a dos martyrios, brancas como o liquido em que ella imbebia, e com que acidulava a esponja que punha depois nas lagrimas d'essas familias!

O que era o catholicismo do concilio de Trento eu te direi depois quem t'o pode ensinar melhor do que ninguem, porque o ensinou logo aos dez annos do seculo XVII, e ainda até hoje, lá no tumulo, espera resposta ao seu ensino!

Não é de certo em todo o caso o catholicismo do concilio de Trento que te serve, presumo bem, amigo? Então qual catholicismo nos fica para exprimir logica e profundamente a doutrina do prégador da Galliléa?

Mas raciocinemos ainda. Eu não quero deixar-te descubertos uns pontos que poderiam parecer debeis no meu discurso sem uma pouca de luz que os explique. Dá-me gosto de mais a mais estar a conversar comtigo n'estas coisas historicas. Que amiga, que companheira, que é a historia! É preciso ter sobrevivido á mocidade e á desgraça para aquilatar bem no são os thesoiros fartos d'essa Providencia. Lá n'um logarsinho das tuas *Farpas* aconselha isto á mocidade. Faze essa vontade á minha velhice, que em desconto dos meus peccados me levará Deus o bem com que melhorarem os moços aconselhados por ti a meu pedido.

Acima te disse que o grande movimento revolucionario de 89 abatera o poder catholico. E é verdade. E digo-te mais. Assim como na phrase do publicista francez, o christianismo foi não só uma revolução moral e religiosa, mas uma revolução social e politica, assim tambem a grande revolução do século passado abrangeu o estado e a egreja, a sociedade religiosa e a sociedade civil. Foi tambem uma revolução religiosa a grande revolução social e politica. Porque? Porque foi ella quem disse pela primeira vez em nome dos povos á Roma papal: *que bastava!* que elles tambem tinham n'aquelle momento: idéa livre, e vontade livre. E nisso foi a Revolução providencial. Foi, dizem altos espiritos que investigaram as causas no ceo, foi providencial, como o fôra já aquella collocação especialissima da França, pela mão de Deus, entre os povos do Norte e os do Meiodia não consentindo que do século XVI para cá ella se fizesse nem completamente catholica como a Hespanha, nem completamente protestante como a Inglaterra, para que fosse do seu seio, *confluente de todas as tradicções da egreja verdadeiramente universal que vinham abraçar-se n'elle pelo catholicismo e o protestantismo, que podesse surgir e romper a explosão do espirito novo.*

A revolução foi isto. Foi, quer dizer, no seu pensamento e no seu grito. Quanto ao mais, meu amigo, tu sabes o que depois se passou pelo mundo, o que agora mesmo vae no palco, como a propria França—a propria França, coitada, quem o diria?—como ella lá anda trabalhada para pôr as liberdades em pé, tu sabes o que é a egualdade dos direitos ahi por essas nações, etc., etc.

O grito da revolução foi esse. A *obra* essa anda por ora a humanidade trabalhando n'ella. Quando a obra estiver perfeita então a alma do genero humano será a alma da liberdade.

*

Poderás vêl-a tu, que és novo, e que no cantinho da tua terra acharás alvião que te pertença? Poderá ser, mas levo mais essa duvida para a sepultura.

Mas, que me não fuja nas divagações o meu pensamento, não creias tu que eu, depois de 89, bato palmas aos destemperos de Bonaparte. E mais nasci n'um tempo em que se pozesse essas palavras por escripto penso que até a tinta enclavinhava as letras umas nas outras de modo que se virassem para mim a fazer-me figas. Perdôa-me estas minhas phrases familiares, são direitos de velho.

Mas não bato, não. E a censura em que ha pouco envolvi Carlos Magno, cujas leis ecclesiasticas tambem envolvo agora, não deixa fóra das suas malhas Napoleão I e a sua Concordata.

Servirá tudo porem para te explicar, meu amigo, que a Egreja, ou o catholicismo, nunca pôde ser a expressão do christianismo, nem quando ella absorveu o estado, nem quando o estado a absorveu a ella. O christianismo, meu filho, tambem ainda espera, e esse francamente não creio que deixe jámais de esperar, por quem o entenda *logica e profundamente;* ah! que me enganei, entender, valha a verdade, ainda ha quem o entenda; aquillo entende-se bem, e Jesus sempre fallou de modo que até os humildes o percebiam; mas quem o exprima... isso é que eu não sei como ha de chegar se Elle não voltar cá.

Concluo este ponto, e convencido de que tu não podes defender contra mim a tua these. Em todo o caso demorei-me todo este tempo para te provár que quando t'a refutei perfunctoriamente na primeira carta, eu não era nem a resistencia, nem a malquerença, nem o odio. Era a verdade, e se não era a verdade, era a consciencia.

Ia-me esquecendo, quero dar-te o que te prometti e contar-te um caso.

Ha dois seculos e meio, ao entrar na porta do seu convento um pobre monge de Florença, apunhalaram-no uns sicarios, e disse-se que o faziam ás ordens de Paulo V, offendido da liberdade com que o religioso atacara a usurpação temporal do Papa, em favor de Veneza, interdicta já pela excommunhão d'aquelle alto mandante. Não se averiguou isto. O que todavia se apurou foi que os assassinos dormiram essa noite na nunciatura apostolica. Entrando na sua cella o frade arrancou do meio das chagas o punhal, que fôramais fiel á victima que ao algoz, e quando começou a convalescer pendurou-o por cima d'uma caveira, que elle, tambem grande naturalista do seu seculo, tinha n'um dos pannos da parede, e escreveu em baixo: *Punhal de Roma!*

A cabo de tempos deram os medicos por curada a ultima ferida. E n'esse mesmo momento troou no mundo um urro medonho. Era a penna do frade que tinha mandado um golpe ao coração de Roma, e que depois ainda, mais firme nas mãos d'elle que o ferro do hospede nocturno da nunciatura de Florença, continuava implacavel a sarjar-lhe as carnes sãs. Esse golpe teve um nome no mundo: *Historia do Concilio de Trento.*

O nome do frade era Paulo Sarpi.

Em conclusão. Quer-me parecer que o chefe e os delegados do catholicismo, recolhendo e praticando a horas mortas da noite com os assassinos de Paulo Sarpi não exprimiam logica e profundamente os preceitos do christianismo.

Não ha resistencia n'isto, nem odio. Ha consciencia

*

* *

E por ultimo, amigo. Affirmei que não eras o *bom senso.* Af-

firmei e affirmo Mas affirmo tambem que o não és tu, porque o não é ninguem.

Punhamos azas ao espirito. Subamos. Mais. Subamos ainda. Lá bem de ao pé das nuvens é que havemos de interrogar agora.

O *Bom Senso!*

O *bom senso!* Tu sabes bem o que é o bom senso? O bom senso quer dizer Verdade e Justiça!

Meditas tu profundamente no mundo de responsabilidades d'esses dois sacrosantos vocabulos, e portanto n'aquellas em que incorre o que uma vez teve a audacia de se mostrar ao mundo trazendo escriptas no coronal essas duas espheras de luz? Audacia feliz, bem sei, se esse mais venturoso que Prometheu, logra roubar o facho aos ceus, e para logo queimando o abutre que poderia roer-lhe as visceras, se ergue triumphante no pincaro atirando globos de auroras luminosas sobre as multidões da planicie! Audacia tremendamente expiada, se esses dois rochedos com que o novo e mais atrevido Sisipho tentou galgar á montanha o despedaçam e anniquillam para castigo e exemplo dos pôdres e dos cambados, que por vezes se mettem a roubar nas pedras do templo augusto, pensando loucamente que basta commetter um sacrilegio para poder operar um milagre! — Verdade e Justiça, sabes tu pois o que isso é? Sentiste tu dentro em ti esses dois reverberos da luz ideal, a qual tem só outros dois, irmãos d'aquelles, e que se baptisam Amor e Perdão? És tu isso? És tu, bem, Verdade e Justiça, visto que d'essas duas palavras é somma a tua palavra bom senso, assim como das outras duas — Amor e Perdão — é somma egualmente est'outra: Providencia?

Não respondas, por ora. Deixa-me ainda dizer-te o que isto é bem. Justiça é a espada de uma boa consciencia. Ter boa

consciencia é o bastante para ser justo. O que o moderno cantor das religiões antigas preferia a todos os livros para debellar o Jesuitismo, isso é a alma da justiça. Não te offendo negando-te a possibilidade d'essa virtude. Quero crer que a terás. Mas ao bom senso não basta a justiça; é-lhe precisa a rasão.

Estamos pois com a verdade. Sabes agora o que é ser verdadeiro? é ser sabio, é ter estudado tudo, meditado tudo, ponderado tudo; é ter calculado, comparado, e conhecido tudo; é ser illuminado! Verdade quer dizer luz; luz na proposição, luz na incidente, luz na demonstração, luz na prova, luz no corollario, e além d'isso luz na theoria e na experiencia, luz na arte e na religião, luz na philosophia e na sciencia. Historia, religiões, mithologias, symbolos, poesia, arte, direito, astronomia, chimica, phisiologia, geologia,—o passado, o presente e o futuro,—a Verdade é tudo isso! Ser verdadeiro é ser omnisciente; ser verdadeirò é quasi ser impeccavel!

Não digas que te exagero os deveres, e aleivosamente subo para o ultimo furo a tua craveira. Não, eu explico apenas a craveira por onde tu te mediste. Sou o *bom senso*, disseste; pois o bom senso absoluto é isso. E se tu mentires a isso, mentes á logica, e serás corrido.

Agora responde. És tu o Bom Senso, somma de verdade e justiça? És a verdade, essa que ahi fica mal delineada por umas tenues claridades da sua peripheria infinita?

Olha lá, não arrebentes de riso a humanidade, vê como retrucas. Não dês uma grande dôr ao teu amigo.

Quando se não riam *comtigo*, não quero eu ao menos que se riam *de ti*. Responde que não, porque o bom senso não é ninguem. Esse —*não*— pode ser uma affirmativa illustre. O craneo onde seguramente reside uma molecula de bom senso será aquelle que modestamente se confessar deshabitado por

esse inquilino. Em sciencia o que duvida do que sabe é o que sabe bastante; aquelle que morre apenas sabendo que não sabe nada é esse o que sabe mais que todos. E o bom senso, como te digo, é o direito absoluto, é a moral absoluta, é a sciencia absoluta. O bom senso será o ôvo d'onde saiu o cosmos para quem poder entender e affirmar o mysterio das desharmonias creadas. O bom senso será para o mundo moderno *Idéa* de Hegel. Será para mim, que sou velho, o *Deus* do primeiro versiculo. Quem pode, pois, no mundo ser o bom senso?

*

* *

Estou tremulo, porque tu me obrigaste a interrogar e a meditar nas coisas que empallidecem a minha rasão. Vou pois, retirar-me, e de vez, á sombra d'onde saíra com o intuito de te fazer brilhar, e para onde me repelle a tua descaroada mocidade. Os velhos são como as sensitivas, recolhem-se se lhes toca a mão dos ingratos para cuja vista se crearam. Se te *resistia*, se te *malqueria*, se te *odiava*, adivinha-o n'essa paixão que tu arrancaste ao meu estylo de 70 annos. N'essa minha longa existencia, desde os primeiros assômos da minha rasão até estas derradeiras vesperas da morte, a minha vida foi sempre assignalada por loucuras da minha palavra ou da minha penna que levantavam alguem e me esphacelavam a mim. E pois ahi ficam porventura as ultimas n'esse retalho do meu testamento inedito, e que eu sei que hão de conquistar-me a triste gloria de escutar ainda para áquem da campa os alaridos e a assuada das turbas que já me não conhecem por amigo. É que me faltava ainda affrontar as coleras do vulgacho por causa de ti, que me maltrataste a mim; tu!

É o meu destino a ter rasão.

Nunca fui eu quem governei, foi sempre elle que me governou a mim. E nem me rio, nem me exaspero. *É isso*, é o que eu digo. E ha-de ser isso em quanto as crianças, geradas do homem, não poderem emballar-se a si proprias nos berços que as adormentam. Só então poderiam ellas tambem apagar das taboas do seu primeiro navio a estrella com que a fatalidade logo d'alli lhes marcou as tempestades e os naufragios.

E ao menos, já agora, quando tu encontrares para o futuro o meu nome torpemente adjectivado no papel que se doeu da minha franqueza; quando vires as mulheres de Ninive a correrem para o pretorio desgrenhadas e soltas, para arrancarem com os seus depoimentos vomitados o juizo inexoravel dos meus historiadores, dize no fundo da tua consciencia e nos seios da tua dôr: «E por mim é isto! Affrontam-no, e cospem-no, pelo que exclamou provocado pela minha crueldade imprudente...

Nesse momento, porém, não me lastimes. A lastima é de chumbo para as consciencias fortes, para os espiritos que amaram immensamente o seu ideal, para os corações que se deixaram crivar por causa d'esse amor.

Dize apenas na tua gratidão e no teu arrependimento:

Esse velho era alguma coisa mais moço do que nós!

A tua phrase passará no meu tumulo como a briza de Deus, e afugentará os corvos de me irem roubar com a sua sêde os orvalhos mandados ás letras cavadas do meu epitaphio!

*

* *

Isso é triste para acabar, não achas? A mim tambem me parece.

Peço-te pois na despedida, com a minha serena jovialidade de moribundo, que me mandes lá para a *outra banda* o terceiro numero das tuas *Farpas* com todas as graças do segundo, e sem os pezadellos do primeiro.

E o mais, para saberes se te *resisto*, se te *malquero*, se te *odeio*, eu por mim só peço á tua sorte que, quando para lá te mandar em pessoa para onde eu estiver, não te deixe levar, como eu levo, debaixo do braço, o epitaphio de Epitecto. Morre uma vez só. São esses os que se vingam, como dizia o padre Antonio.

Os que morrem duas vezes esses morrem inultos.

Ri até lá. É esse o mal que eu te quero, o odio que te tenho, a resistencia que te opponho...

Como nada mais te posso dar, dou-te a minha consciencia.

Vale.

Julho. 1871.

SAMUEL.

ERRATA

A pag. 13, onde se lê : **Wolloweski**, leia-se : **Teleski**.

Preço. . . . . 200 réis.